

# A DONZELA TEODORA

Leandro Gomes de Barros

Xilo: Valdério Costa



Fortaleza/CE, 2016 - Editora IMEPH

VC

# A DONZELA TEDDORA

Leandro Gomes de Barros

Eis a real descrição  
Da história da donzela  
Dos sábios que ela venceu  
E a aposta ganha por ela  
Tirado tudo direito  
Da história grande dela.

Houve no reino de Tunis  
Um grande negociante  
Era natural da Hungria  
Negociava ambulante  
A quem podia chamar-se  
Uma alma pura e constante.

Andando um dia na praça  
Numa porta pode ver  
Uma donzela cristã  
Ali pra se vender  
O mercador vendo aquilo  
Não pode mais se conter.

Tinha as feições de fidalga  
Era uma espanhola bela  
Ele perguntou ao mouro  
Quanto queria por ela  
Entraram então em negócio  
Negociaram a donzela.

O húngaro conheceu nela  
Formato de fidalguia  
Mandou educá-la bem  
Na melhor escola que havia  
Em pouco tempo ela soube  
O que ninguém mais sabia.

Mandou ensinar primeiro  
Música e filosofia  
Ela sem mestre aprendeu  
Metafísica e astrologia  
Descrever com distinção  
História e anatomia.

Ela que já era um ente  
Nascido por excelência  
Como quem tivesse vindo  
Das entranhas da ciência  
Tinha por pai o saber  
E por mãe a inteligência.

Em pouco tempo ela tinha  
Tão grande conhecimento  
Que só Salomão teria  
Um igual discernimento  
Cantava e tocava música  
Em qualquer um instrumento.

Estudou e conhecia  
As sete artes liberais  
Conhecia a natureza  
De todos os vegetais  
Descrevia muito bem  
A casta dos animais.

Descrevia os 12 signos  
De que é composto o ano  
Da cabeça até os pés  
Conhecia o corpo humano  
E dava definição  
De tudo no oceano.

Admirou todo mundo  
O saber dessa donzela  
Tudo o que era em ciência  
Podia se encontrar nela  
O professor que ensinou-a  
Depois aprendeu com ela.

Mas como tudo no mundo  
É mutável e inconstante  
Esse rico mercador  
Negociava ambulante  
E toda a sua fortuna  
Perdeu no mar num instante.

Atrás do bem vem o mal,  
Atrás da honra, a torpeza  
Quando ele saiu de casa  
Levava grande riqueza  
Voltou trazendo somente  
Uma extremosa pobreza.

Só via em torno de si  
O vil manto da mazela  
Em casa só lhe restavam  
A mulher e a donzela  
Então chamou Teodora  
Pedi um parecer dela.

Disse ele: — Minha filha,  
Bem vês minha natureza  
E sabes que o oceano  
Sepultou minha riqueza  
Espero que teus conselhos  
Me tirem desta pobreza.

Ela quando ouviu aquilo  
Sentiu no peito uma dor  
E lhe disse: — Tenha fé  
Em Deus, nosso Salvador  
Vou estudar o remédio  
Que salvará o senhor.

E disse: — Meu senhor saia,  
Procure um amigo seu  
É bom ir logo na casa  
Do mouro que me vendeu  
Chegue lá, converse com ele  
E conte o que sucedeu.

O que ele oferecer-lhe  
De muito bom gosto aceite  
E veja se ele lhe vende  
Vestidos com que me ajeite  
Compre a ele todas as joias  
Que a uma donzela enfeite.

Se o mouro vender-lhe tudo  
Com que possa me compor  
Vossa mercê vai daqui  
Vender-me ao rei Almançor  
É esse o único remédio  
Que salvará o senhor.

El-rei lhe perguntará  
Por quanto vai me vender  
Por dez mil dobras de ouro  
Meu senhor há de dizer  
Quando ele admirar-se  
Veja o que vai responder.

Dizendo: — Alto, senhor  
Não fiques admirado  
Eu vendo-a por precisão  
Não peço preço alterado  
Dobrada a esta quantia  
Tenho com ela gastado.

É este o único meio  
Para a sua salvação  
Se o mouro vender-lhe tudo  
Descanse seu coração  
Daqui para o fim da vida  
Não terá mais precisão.

O mercador seguiu tudo  
Como a donzela ditava  
Chegou ao mouro e contou  
O desespero em que estava  
Então o mouro vendeu-lhe  
Tudo o quanto precisava.

Roupas, objetos e joias  
Para enfeitar a donzela  
As roupas vinham que só  
Sendo cortadas pra ela  
Ela quando vestiu tudo  
Pareceu ficar mais bela.

O mercador aprontou-se  
E seguiu com brevidade  
Falou ao guarda da corte  
Com muita amabilidade  
Para deixá-lo falar  
Com a real majestade.

Então subiu um vassalo  
Deu parte ao rei Almançor  
O rei desceu a escada  
Perguntou ao mercador:  
— Amigo, qual o negócio  
Que tem comigo o senhor?

Então disse o mercador,  
Com uma grande humildade:  
— Senhor, venho à vossa alteza  
Com grande necessidade  
Ver se vendo esta donzela  
A vossa real majestade.

O rei olhou a donzela  
E disse dentro de si:  
— Foi a mulher mais formosa  
Que neste mundo já vi  
Trinta ou quarenta segundos  
A presenciou ali.

Perguntou ao mercador:  
— Por quanto vende a donzela?  
— Por dez mil dobras de ouro,  
É quanto peço por ela  
E não estou pedindo caro  
Visto a habilidade dela.

Disse o rei ao mercador:  
— Senhor, estou surpreendido  
Dez mil dobras de bom ouro  
É preço desconhecido  
Ou tu não queres vendê-la  
Ou estás fora do sentido!

Disse o mercador: — El-rei,  
Não é caro esta donzela  
Dobrada a esta quantia  
Gastei para ensinar ela  
Excede a todos os sábios  
A sabedoria dela.

O rei mandou logo chamar  
Um grande sábio que havia  
O instrutor na cidade  
Em física e astronomia  
Em matemática e retórica  
História e filosofia.

Esse veio e perguntou-lhe:  
— Donzela, estás preparada  
Para responder-me tudo  
Sem titubear em nada?  
Se não estiver seja franca  
Senão sai envergonhada.

Então ela respondeu-lhe:  
— Mestre, pode perguntar  
Eu lhe responderei tudo  
Sem cousa alguma faltar  
Farei debaixo da lei  
Tudo que o senhor mandar.

O sábio ali preparou-se  
Para entrar em discussão  
Ela com muita vergonha,  
Mas não teve alteração  
Pediou licença ao El-rei  
E ficou de prontidão.

— Diz-me, donzela, o que Deus  
Sob o céu primeiro fez?  
Respondeu: — O sol e a lua,  
E a lua por sua vez  
É por uma obrigação  
Cheia e nova todo mês.

Além do sol e da lua  
Doze signos foram feitos  
Formando a constelação  
Sendo ao sol todos sujeitos  
Desigual na natureza  
Com diversos preconceitos.

— Como se chamam os signos?  
Perguntou o emissário.  
A donzela respondeu:  
— São Capricórnio e Aquário  
Touro, Câncer, Libra, Virgem,  
Pisces, Escórpio e Sagitário.

Existem outros três signos:  
Áries, Leão e Geminis.  
No signo Leão quem nascer  
Será um homem feliz  
Inclinado a viajar  
Por fora de seu país.

O sábio disse: — Donzela,  
É necessário dizer  
Que condições tem o homem  
Que em cada signo nascer  
Por influência do signo  
De que forma pode ser?

Disse: — O signo de Aquário  
Reina no mês de janeiro  
O homem que nascer nele  
Tem o crescimento vasqueiro  
Será amante às mulheres  
Venturoso e lisonjeiro.

Pisces reina em fevereiro  
Quem neste signo nascer  
É muito gentil de corpo  
Muito guloso em comer  
Risonho, afeito a viagens  
Não faz o que prometer.

Em março, governa Áries  
Neste signo nascerão  
Homens nem ricos nem pobres  
Por nada se zangarão  
Neles se nota um defeito  
Falando a sós andarão.

Em abril, governa Touro  
Um signo bem conhecido  
O homem que nascer nele  
Será muito presumido  
Altivo de coração  
Será rico e atrevido.

Geminis, governa em maio  
Sua qualidade é quente  
O homem que nascer nele  
Será franco e diligente  
Para os palácios e cortes  
Se inclina constantemente.

Em junho, governa Câncer  
Sua qualidade é fria  
O homem que nascer nele  
É forte e tem energia  
É gentil, tem muita força  
E sempre tem alegria.

Em julho, governa Léo  
Por um leão figurado  
O homem que nascer nele  
É lutador e honrado  
Altivo de coração  
Inteligente e letrado.

Em agosto, reina Virgo  
Tem da terra a natureza  
O homem que nascer nele  
Aos princípios tem riqueza  
Depois se descuidará  
Por isso cai em pobreza.

Em setembro, reina Libra  
A Vênus assinalado  
O homem que nascer nele  
Será um pouco inclinado  
A viajar pelo mar  
É lutador e honrado!

O que nascer em outubro  
Será homem falador  
Inclinado aos maus costumes  
Teimoso e namorador  
Pouco lícito nos negócios  
Falso, grave, enganador.

Então no mês de novembro  
Sagitário é o reinante  
O homem que nascer nele  
Será cínico e inconstante  
Desobediente aos pais,  
Intratável, assim por diante.

Em dezembro é Capricórnio  
Tem natureza da terra  
O homem que nascer nele  
Será inclinado à guerra  
Gosta de falar sozinho  
E por qualquer motivo emperra.

O sábio aí levantou-se  
Disse ao rei: — Esta donzela  
Não há sábio neste mundo  
Que tenha a ciência dela  
Eu confesso a vossa alteza  
Que estou vencido por ela.

O rei ali ordenou  
Que fosse o sábio segundo  
Foi um matemático clínico  
Um gênio grande e fecundo  
Reconhecido por um  
Dos sábios maior do mundo.

Chegou o segundo sábio  
Que ainda estava orelhudo  
E disse: — Donzela eu tenho  
Dezoito anos de estudo  
Não sou o que tu venceste  
Conheço um pouco de tudo.

A donzela respondeu:  
— Com licença de El-rei  
Tudo que me perguntares  
Aqui te responderei  
Com brevidade e acerto  
Tudo vos explicarei.

Perguntou o sábio a ela:  
— Em nosso corpo domina  
Qualquer um dos doze signos  
Que a donzela discrimina  
Terá alguma influência  
Os signos com a medicina?

Então a donzela disse:  
— Descrito, mestre direi  
Sabes que os signos são doze  
Conforme eu já expliquei  
Compactam com a química  
Quer saber? Explicarei.

Áries domina a cabeça,  
Uma parte melindrosa  
Para quem nascer em março  
A sangria é perigosa  
A pessoa que sangrar-se  
Deve ficar receosa.

Libra domina as espáduas  
E Câncer domina os peitos  
Para quem são destes signos  
Perguntas têm maus efeitos  
E as sangrias também  
Não serão de bons proveitos.

Tauro domina o pescoço  
Léo domina o coração  
Capricórnio influi nos olhos  
Escórpio a organização  
Geminis domina os braços  
E influi na musculação.

Virgo domina no ventre  
E Aquário nas canelas  
Para os que são destes signos  
Purga e sangria são belas  
Então Sagitário e Pisces  
Ambos têm iguais tabelas.

O sábio dentro de si  
Disse muito admirado:  
— Onde esta discutir  
Ninguém pode ser letrado  
Esta só vindo a propósito  
De planeta adiantado!

O sábio disse: — Donzela,  
Eu quero, se tu puderes,  
Isto é, sei que tu podes  
Não dirás se não quiseses  
O peso, idade e conduta  
Que tem todas as mulheres.

Disse a donzela: — A mulher  
É sempre a áurea do bem  
Porém só quem a criou  
Sabe o peso que ela tem  
Isso é uma coisa ignota  
Disso não sabe ninguém.

— Que me dizes das donzelas  
De vinte anos de idade?  
Respondeu: — Sendo formosa  
Parece uma divindade  
E principalmente ao homem  
Que lhe tiver amizade.

— E as de trinta e quarenta  
Que dizes tu que elas são?  
Disse ela: — Uma dessas  
É de consideração.

— Das de cinquenta, o que dizes?  
— Só prestam pra oração.

— Que dizes das de setenta?  
— Deviam estar num castelo  
Rezando por quem morreu,  
Lamentando o tempo belo.  
— Que dizes das de oitenta?  
— Só prestam para o cutelo.

— Então classifica as velhas  
Tudo de mal a pior?  
E os defeitos de tantas  
Não ver em uma menor?  
Disse: — Deus te livre de  
Ser vizinho da melhor.

— Donzela, o sábio lhe disse,  
Sei que és espirituosa;  
Entre todas as pessoas  
És a mais estudiosa.  
Diga os sinais que precisam  
Para a mulher ser formosa?

Então a donzela disse:  
— Para a mulher ser formosa  
Terá dezoito sinais,  
Não tendo é defeituosa.  
A obra por seu defeito  
Deixa de ser melindrosa.

Há de ter três partes negras  
De cores bem reluzentes  
Sobrancelhas, olhos e cabelos  
De cores negras e ardentes  
Branco o lacrimal dos olhos  
Ter branca a face e os dentes.

Será comprida em três partes  
A que tiver formosura  
Compridos os dedos das mãos  
O pescoço e a cintura  
Rosadas cútis e gengivas,  
Lábios cor de rosa pura.

Terá três partes pequenas  
O nariz, a boca e o pé  
Largas cadeiras e ombros  
Ninguém dirá que não é  
Cujos sinais teve-os todos  
Uma virgem em Nazaré.

O sábio quando ouviu isto  
Ficou tão surpreendido  
E disse: — El-rei Almançor  
Confesso que estou vencido  
E quem argumentar com ela  
Se considere perdido.

El-rei mandou que outro sábio  
Entrasse em discussão  
Então escolheram um  
Dos de maior instrução  
A quem chamavam na Grécia  
Professor da criação.

Abraão de Trabador  
Veio argumentar com ela  
E disse logo ao entrar:  
— Previne-te bem, donzela!  
Dizendo dentro de si:  
— Hoje eu hei de zombar dela.

Então a donzela disse:  
— Mestre, estarei disposta  
De todas suas perguntas  
O senhor terá resposta  
Se tem confiança em si  
Vamos fazer uma aposta.

Minha aposta é a seguinte:  
De nós o que for vencido  
Ficará aqui na corte  
Publicamente despido  
Ficando completamente  
Como quando foi nascido.

O sábio disse que sim,  
Mandaram o termo lavrar  
E a donzela pediu  
Ao rei para assinar  
Para a parte que perdesse  
Depois não se recusar.

Lavraram o termo e foi  
Às mãos do rei Almançor  
Para fazer válido o trato  
E ficar por fiador  
Obrigando a quem perdesse  
Dar a roupa ao vencedor.

O sábio aí perguntou:  
— Qual a coisa mais aguda?  
Disse ela: — É a língua  
Duma mulher linguaruda  
Que corta todos os nomes  
E o corte nunca muda.

— Donzela, qual é a coisa  
Mais doce do que o mel?

— O amor dum pai ao filho  
Ou duma esposa fiel  
A ingratidão de um desses  
Amarga mais do que fel.

O sábio disse: — Donzela,  
Conheces os animais?  
Quero agora que descrevas  
Alguns irracionais  
Me diga qual é o bicho  
Que possui oito sinais?

— Mestre, isso é gafanhoto;  
Vive embaixo dos outeiros  
Tem pescoço como touro,  
Esporas de cavaleiros,  
Tem olhos como marel,  
Um pássaro dos estrangeiros.

Focinho como de vaca,  
Tem pés como de cegonha,  
Tem cauda como de víbora,  
Uma serpente medonha  
E infeliz o vivente  
Que à boca dela se ponha.

Tem peito como cavalo,  
E não ofende a ninguém,  
Tem asas como as de águia  
E que voa muito além;  
São estes os oito sinais  
Que o gafanhoto tem.

Perguntou o sábio a ela:  
— Que homem foi que viveu,  
Porém nunca foi menino,  
Existiu mas não nasceu  
A mãe dele ficou virgem  
Até que o neto morreu?

— Esse homem foi Adão  
Que da terra se gerou  
Foi feito já homem grande  
Não nasceu, Deus o formou,  
A terra foi a mãe dele  
E nela se sepultou.

Foi feita, mas não nascida  
Esta pobre criatura  
A terra foi a mãe dele  
Serviu-lhe de sepultura  
Para Abel, o neto dela,  
Fez-se a primeira abertura.

— Donzela qual é a cousa  
Que pode ser mais ligeira?  
Respondeu: — O pensamento  
Que voa de tal maneira  
Que vai ao cabo do mundo  
Num segundo que se queira.

O sábio fitou-a e disse:  
— Donzela, diga-me agora,  
Qual o prazer de um dia,  
Qual o prazer duma hora?  
— Dum negócio que se ganha,  
Dum passeio que dá-se fora.

Tornou a lhe perguntar:  
— Qual é o gosto dum mês?  
Disse: — Um homem viajando  
E se bom negócio fez  
É um dos grandes prazeres  
Que terá por sua vez.

— Donzela o que é a vida?  
Diz ela: — Um mar de torpeza  
O que pode assemelhar-se  
A vela que está acesa  
Às vezes está tão formosa  
E se apaga de surpresa.

— Donzela, por quantas formas  
Mente a pessoa afinal?  
Respondeu: — Mente por duas,  
Tendo como essencial  
Exaltar a quem quer bem  
E por taxa em quem quer mal.

— Donzela, o que é a velhice?  
Respondeu com brevidade:  
— A vestidura de dores  
E a mãe da mocidade.  
— O que mais aborrecemos?  
Respondeu: — É a idade.

— Donzela qual é a coisa  
Que quem tem inda mais quer?  
Disse ela: — É o dinheiro  
Que o homem e a mulher  
Não se fartam de ganhá-lo  
Tenham a soma que tiver.

— Qual é a coisa que o homem  
Possui e não pode ver?  
Disse ela: — O coração  
Que aberto tem que morrer  
Ver a raiz dos seus olhos  
Não há quem possa obter.

— Donzela qual foi o homem  
Que por dois ventres passou?  
Disse a donzela: — Foi Jonas  
Que uma baleia o tragou  
Conservou-o dentro três dias  
E depois o vomitou.

O sábio disse: — Donzela  
Qual o homem mais de bem?  
Respondeu ela: — É aquele  
Que menos defeito tem.  
— Quem terá menos defeito?  
— Isso não sabe ninguém.

— Donzela qual é a coisa  
Que não se pode saber?  
— O pensamento do homem  
Se ele não quer dizer  
Por mais que a mulher procure  
Não poderá obter.

— Donzela, o que é a noite  
Cheia de tantos horrores?  
Disse ela: — É o descanso  
Dos homens trabalhadores  
É capa dos assassinos  
Que encobre os malfeitores.

— Onde a primeira cidade  
No mundo foi construída?  
— Foi a cidade de Nínive  
A primeira conhecida  
Que depois de certo tempo  
Foi pela Grécia abatida.

Perguntou: — Qual o guerreiro  
Que teve a antiguidade?  
Respondeu: — Foi Alexandre,  
Assombro da humanidade,  
Guerreou vinte e dois anos  
E morreu na flor da idade.

— Donzela falaste bem  
Do maior conquistador,  
Diga, dos homens, qual foi  
O maior sentenciador?  
— Pilatos que deu sentença  
A Cristo Nosso Senhor.

— De todos os patriarcas  
Qual seria o mais valente?  
— O patriarca Jacob  
Que lutou heroicamente  
Com os anjos mensageiros  
Do Monarca Onipotente.

— Qual foi a primeira nau  
Que foi para o estaleiro?  
— Foi a barca de Noé  
A que ao mar foi primeiro  
Onde escapou um casal  
De tudo no mundo inteiro.

— O que é que corta mais  
Que a navalha afiada?  
— É a língua da pessoa  
Depois de estar irada  
Corta com mais rapidez  
Que qualquer lâmina amolada.

— Qual é o maior prazer  
Com que se ocupa a história?  
Respondeu: — Quando um guerreiro  
No campo ganha vitória  
Sabei que não pode haver  
Tanto prazer, tanta glória.

O sábio disse: — Donzela,  
Tens falado muito além...  
Me digas que condições  
O homem no mundo tem?  
Disse a donzela: — Tem todas,  
Para o mal e para o bem.

É manso como a ovelha,  
É feroz como o leão,  
Seboso como o suíno,  
É limpo como o pavão,  
É falso como a serpente  
E tão leal como o cão.

É fraco como o coelho,  
Arrogante como o galo,  
Airoso como o furão,  
Forçoso como o cavalo.  
O mais te digo que o homem  
Ninguém pode decifrá-lo.

É calado como o peixe,  
Fala como o papagaio,  
É lerdo como a preguiça,  
É veloz igual ao raio...  
O sábio quando ouviu isso  
Quase que dar um desmaio.

Então inventou um meio  
Para ver se a pegaria  
Perguntou: — O sol de noite  
Terá luz quente ou fria?  
A donzela respondeu  
Que à noite sol não havia.

— Com a presença do sol  
É que se conhece o dia  
Se à noite houvesse sol  
E noite não existia  
E sem o sereno dela  
Todo vivente morria.

Sem água, sem ar, sem calor  
A Terra não tinha nada  
Não tinha os seres que tem  
Seria desabitada  
A própria vegetação  
Não podia ser criada.

Os reinos da natureza  
Cada um possui um gênio  
É necessário o azoto  
Precisa o oxigênio  
Para a infusão disso tudo  
O carbônio e o hidrogênio.

O dia Deus fez bem claro  
E a noite bem escura  
Se de noite houvesse sol  
Estava o homem a altura  
De notar esse defeito  
E censurar a natura.

O sábio abaixou a vista  
E ouviu tudo calado  
Nada mais teve a dizer,  
Pois já estava esgotado  
E tinha a plena certeza  
Que ficava injuriado.

Disse ao público: — Senhores,  
A donzela me venceu  
Não sei com qual professor  
Esta mulher aprendeu!...  
Aí a donzela disse:  
— Então o mestre perdeu?

Ele vendo que estava  
Esgotado seus recursos  
Ficou trêmulo e muito pálido  
Fugindo-lhe até os pulsos  
Prostrou-se aos pés de El-rei  
Se sufocou em soluços.

E disse: — Senhor, confesso  
A vossa real majestade  
Que vejo nessa donzela  
A maior capacidade  
Ela merece ter prêmio,  
Pois tem grande habilidade.

A Donzela levantou-se  
Foi ao soberano rei  
Então beijando-lhe a mão  
Disse: — Vos suplicarei  
Que mande o sábio entregar-me  
Tudo que dele ganhei.

O rei ali ordenou  
Que o sábio se despojasse  
De todas as vestes que tinha  
E à donzela as entregasse  
O jeito que tinha ali  
Era ele envergonhar-se.

O sábio pôs-se a despir-se  
Como quem estava doente  
Fraque, colete e camisa  
Ficando ali indecente  
E pediu para ficar  
Com a ceroula somente.

Depois sufocado em pranto  
Prostrado disse à donzela:  
— Resta-me apenas a ceroula  
Não posso me despir dela!  
A donzela perguntou:  
— O senhor nasceu com ela?

O trato foi o seguinte:  
De nós quem fosse vencido  
Perante todos da corte  
Devia ficar despido  
Como quando veio ao mundo  
Na hora que foi nascido.

El-rei foi o fiador  
Nosso ajuste foi exato  
O senhor tem que despir-se  
E dar-me fato por fato  
Ficando com a ceroula  
Não teve efeito o contrato.

E não quis dar a ceroula  
O rei mandou que ele desse  
Ou pagaria a donzela  
O tanto que ela quisesse  
Tanto que indenizasse-a  
Embora que não pudesse.

— Donzela, quanto quereis?  
Perguntou o sábio enfim.  
A donzela ali fitou-o  
E lhe respondeu assim:  
— A metade do dinheiro  
Que meu senhor quer por mim.

O rei ali conhecendo  
O direito da Donzela  
Vendo que toda razão  
Só podia caber nela  
Disse ao sábio: — Mande ver  
O dinheiro e pague a ela.

Cinco mil dobras de ouro  
A Donzela recebeu  
O sábio também ali  
Nem mais satisfação deu  
Aquilo foi um exemplo  
Que a Donzela lhe vendeu.

O rei então disse a ela:  
— Donzela, podes pedir  
Dou-te a palavra de honra  
Farei-te o que exigir  
De tudo que pertencer-me  
Poderás tu te servir.

Ela beijou-lhe a mão  
Lhe disse: — Quero que dê-me  
A quantia de dinheiro  
Que meu senhor que vender-me  
Deixando eu voltar com ele  
Para assim satisfazer-me.

O rei julgou que a Donzela  
Pedisse para ficar  
Tanto que se arrependeu  
De tudo lhe franquear,  
Mas a palavra de rei  
Não pode se revogar.

Mandou dar-lhe o dinheiro  
Discutiu também com ela  
Ficou ciente de tudo  
Quanto podia haver nela  
E disse: — Vinte mil dobras  
Não pagam esta Donzela.

Voltou ela e o senhor  
À sua antiga morada  
Por uma guarda de honra  
Voltou ela acompanhada  
E o senhor dela trazendo  
Soma bastante avultada.

Ficaram todos os sábios  
Daquilo impressionados,  
Pois uma donzela escrava  
Vencer três homens letrados  
Professores de ciência  
Doutores habilitados.

Abraão de Trabador  
Com todos não discutia  
Já tinha vencido muitos  
Em música e filosofia  
Em história natural  
Matemática e astronomia.

Ele descrevia a fundo  
Os reinos da natureza  
Era engenheiro perito  
De tudo tinha certeza  
Descrevia o oceano  
Da flor d'água a profundeza.

Tanto que quando ele entrou  
Que fitou bem a donzela  
Calculou dentro de si  
A força que havia nela  
Confiando em sua força  
Por isso apostou com ela.

Caro, leitor escrevi  
Tudo que no livro achei  
Só fiz rimar a história  
Nada aqui acrescentei  
Na história grande dela  
Muitas coisas consultei.



**Leandro Gomes de Barros**, pioneiro na publicação de folhetos, nasceu em Pombal – PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife – PE, no dia 4 de março de 1918. Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram realizadas mais de 10 mil edições. Após sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista continuou editando a sua obra em Guarabira – PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro, pela viúva do poeta (dona Venustiniana Eulália de Barros), a João Martins de Ataíde que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico final de muitos deles. Os folhetos e romances de Leandro que compõem esta coleção estão entre os grandes clássicos de sua produção e da literatura de cordel de todos os tempos.



Rua Carlos Vasconcelos, 1926 - Aldeota  
60115-171 - Fortaleza - Ceará - Brasil - 85 3261.1002  
[www.imeph.com.br](http://www.imeph.com.br) - [imeph@imeph.com.br](mailto:imeph@imeph.com.br)



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).